

# A Folha de S.Paulo e o(s) discurso(s) de/sobre os Jogos Paralímpicos

## Folha de S.Paulo y el(los) discurso(s) de/sobre los Juegos Paralímpicos

## Folha de S.Paulo and the discourse(s) of/about the Paralympic Games



Clevisvaldo Lima<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho procurar analisar o(s) discurso(s) *de e sobre* os Jogos paralímpicos de verão a partir da cobertura deste pelo jornal Folha de S. Paulo, a fim de compreender os sentidos que se formulam e circulam no/por esse periódico acerca deste evento. A partir da análise dos recortes pudemos explicitar o modo como o discurso sobre os atletas paralímpicos e sobre as Paralimpíadas que circulam no/pelo jornal Folha de S. Paulo, significam os Jogos como um evento de superação da deficiência.

**Palavras-chave:** Paralimpíadas. Deficiência. Superação.

**Resumen:** Este trabajo busca analizar el(los) discurso(s) de y sobre los Juegos Paralímpicos de Verano a partir de su cobertura por el diario Folha de S. Paulo, con el fin de comprender los significados que son formulados y circulados en/por este diario sobre este evento. A partir del análisis de los recortes, pudimos explicar cómo el discurso sobre los atletas paralímpicos y sobre los Paralímpicos que circula en/por el diario Folha de S. Paulo, significan los Juegos como un evento de superación de la discapacidad.

**Palabras clave:** Juegos Paralímpicos. Deficiencia. Resiliencia.

**Abstract:** This work seeks to analyze the discourse(s) of and about the Summer Paralympic Games based on its coverage by the newspaper Folha de S. Paulo, in order to understand the meanings that are formulated and circulated in/by this journal about of this event. From the analysis of the clippings, we were able to explain how the discourse about

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Mestre em Letras, área de concentração - Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Piauí - UFPI. Especialista em Libras pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI.

Paralympic athletes and about the Paralympics that circulate in/by Folha de S. Paulo newspaper, signify the Games as an event for overcoming disability.

**Key-words:** Paralympics. Deficiency. Resilience.

## **Introdução**

Os jogos paralímpicos são o segundo maior evento esportivo do mundo, atrás apenas dos jogos olímpicos. A edição Rio-2016, XV edição dos jogos paralímpicos de verão, ocorrida no Rio de Janeiro, Brasil, reuniu 4.328 atletas de 160 países, segundo o *International Paralympic Committee* – (IPC<sup>i</sup>). Nos jogos de Tóquio-2020, edição que ocorreu em 2021 em virtude da pandemia de coronavírus (COVID-19), foram 4.403 atletas de 162 países, segundo o comitê organizador.

Embora os discursos atualmente produzidos e que circulam sobre os jogos ocorram, em geral, a partir do lugar do esporte, considerando as paralimpíadas como um evento esportivo de alto rendimento, o expoente máximo do desporto adaptado com números crescentes de países, de atletas e de modalidades praticadas a cada edição, as paralimpíadas também já foram (são?) significadas por um outro discurso, o da terapia, da reabilitação.

Nesse sentido, a fim de compreender os sentidos “de” e “sobre” os Jogos Paralímpicos e os atletas paralímpicos que se formulam e circulam na/pela mídia, observando a prática desta de fazer circular sentidos na sociedade, “na confluência da posição institucional por ela ocupada, da memória histórica de suas práticas e das condições de produção em que seus modos de discursivizar são tomados” (MEDEIROS, 2010, p. 20), consideramos como *corpus* deste trabalho as textualidades compostas a partir da cobertura da/na Folha dos Jogos Paralímpicos de Verão ocorridos no século XXI, a saber: Atenas-2004; Pequim-2008; Londres-2012; Rio-2016; Tóquio-2020.

As Paralimpíadas de Atenas-2004 foram as primeiras organizadas pelo mesmo comitê responsável pelos Jogos Olímpicos. Até os Jogos de Sidney-2000, havia um comitê organizador para cada evento, entretanto, a partir de um acordo firmado em 2002 entre o Comitê Olímpico Internacional (COI) e o Comitê Paralímpico Internacional (IPC) ficou decidido que a organização de ambos os jogos passaria a ser compartilhada, tanto no uso dos equipamentos quanto no planejamento e nas ações. Decisão que deu maior visibilidade aos jogos Paralímpicos. Conde *et.al* (2006) ressalta que nos jogos de Atenas-

2004, havia mais de 2.000 profissionais da imprensa fazendo a cobertura do evento, um número até então nunca visto.

Isso posto, e filiados a uma perspectiva materialista do discurso, questionamos: que efeitos de sentido são produzidos pelas notícias sobre os Jogos Paralímpicos na cobertura deste evento pelo jornal Folha de S. Paulo? De que modo são construídos os sentidos de atletas paralímpicos na textualização das notícias postas em circulação no/por esse jornal?

Como pontua Mariani (1998, p.61), o discurso jornalístico tem como característica atuar na institucionalização social dos sentidos, contribuindo “na constituição do imaginário social e na cristalização da memória do passado, bem como na construção da memória do futuro”. Dessa forma, tomando a linguagem em sua opacidade e entendendo que a análise de discurso trabalha “analisando os espaços organizados entre um dizer já-dito, com sentidos já legitimados antes e em algum lugar, e a possibilidade da abertura desse dizer para ruptura, provocando o surgimento de outros sentidos” (MARIANI, 1998, p. 34), partimos da premissa de que o discurso jornalístico não é indiferente aos sentidos e pretendemos, em nossa posição de analista, rejeitar uma análise superficial daquilo que diz a imprensa enveredando por uma análise que interprete as filiações dos sentidos produzidos em sua relação com o interdiscurso.

## **Discursos “de” e discursos “sobre” os Jogos Paralímpicos**

Henry (2013, p. 163) em sua obra “A ferramenta imperfeita” assevera que “nenhuma fala, não importa o que pensemos, é propriamente a fala de um indivíduo”, mas que todo enunciado, tudo aquilo que se diz, é sempre atravessado por algo que já foi dito, por um dito anterior. Em outras palavras, o discurso não funciona de modo isolado, ele está sempre ligado a outros discursos que se convocam, que são convocados por sua letra, sua materialidade. Há pouco, dissemos que embora os discursos atualmente produzidos sobre as paralimpíadas circulem a partir do lugar do esporte, estas já foram significadas no/pelo lugar da terapia, da reabilitação.

A nosso ver, isso ocorre porque há, no caso do desporto paralímpico, um funcionamento de memória, uma série de dizeres já-ditos e esquecidos, isto é, uma série

de pré-construídos que o inscrevem em uma formação discursiva<sup>ii</sup> que significa o esporte praticado por pessoas com deficiência como um instrumento de reabilitação e de (re)socialização e não como uma atividade física, uma prática esportiva de alta performance. Nessa esteira, os desportistas paralímpicos tampouco seriam atletas (como são aqueles que participam das olimpíadas e/ou de esportes olímpicos), mas pessoas em processo de (re)habilitação, de superação das limitações impostas no/pelo seu corpo.

Por esta via de compreensão, o discurso jornalístico tende a funcionar na individuação do sujeito de maneira específica, à medida que o atleta, por este discurso, não é individuado como um sujeito atleta. Ao contrário, essa individuação é barrada de ser significada. Desse modo, ao tempo mesmo em que há uma tentativa de apagamento das Paralimpíadas como um evento esportivo, um “esforço dos músculos e do pensamento, da assistência mútua e da correspondência, do patriotismo e do cosmopolitismo” (VIGARELLO, 2011, p. 202), há uma tentativa de significá-la como uma “celebração da superação”, onde os resultados (esportivos) são uma questão secundária. Esse discurso sobre os Jogos Paralímpicos se formula e circula na/pela Folha em diversos recortes de diferentes ciclos paralímpicos:

**(R01)** – Vejo os Jogos Paralímpicos com olhos de admiração, que só enxergam vencedores. Acredito que todos ali o são, simplesmente pelo que fazem. Na minha interpretação, a competição é a celebração da superação. Os resultados em si ficam em segundo plano [...] (FOLHA, Esporte, D5, 2012).

**(R02)** – Para quem assiste a qualquer uma das 23 modalidades dos Jogos, a experiência é sempre maior do que uma emoção vinda de competições acirradas ou da exploração gloriosa da conquista de um ouro, de uma prata ou de um bronze (FOLHA, Cotidiano, B2, 2016).

**(R03)** – “Sempre repletas de histórias cativantes de superação e humanismos, os Jogos paraolímpicos de Tóquio, competição poliesportiva para pessoas com deficiência, enchem as telas das Tvs a partir desta terça (24) e até 5 de setembro. [...] as paraolimpíadas servem como referência dos direitos humanos das pessoas com deficiência e mostram o poder de transformação dos esportes. Um exemplo ao mundo (FOLHA, Folhamais, 3, 2021).

O recorte (R01) foi extraído de uma matéria da coluna semanal do caderno Esporte. Na referida matéria, posta em circulação no dia seguinte ao término dos Jogos de Londres, o jornalista faz uma avaliação do evento. A matéria da qual (R02) foi obtida, ao contrário

da matéria de (R01), é publicada na data de abertura dos jogos do Rio-2016. Nela, o jornalista escreve sobre o que significa assistir aos Jogos Paralímpicos e sobre o que esperar desses jogos que, pela primeira vez, ocorrem no Brasil. Já o recorte (R03) é oriundo de uma matéria publicada na data de abertura dos Jogos de Tóquio-2020. Essa matéria, além de noticiar sobre a abertura dos jogos, trata ainda sobre os desafios dos Jogos Paralímpicos em virtude do cenário pandêmico enfrentado pelo mundo.

Embora haja uma referência ao caráter esportivo dos jogos nos recortes supracitados, trata-se de uma questão secundária. Há, no próprio modo como os jogos são definidos no/pelo enunciado “Competição poliesportiva para pessoas com deficiência”, em (R03), a sobredeterminação de pessoas com deficiência sobre atletas. Não se trata de um evento reservado aos melhores atletas paralímpicos do mundo, mas de uma competição para pessoas com deficiência. A formulação “os resultados em si ficam em segundo plano”, presentes no recorte (R01) faz circular, pelo efeito de repetição de um dito, um discurso comumente utilizado àqueles que não alcançaram a vitória (ou que não tinham chance de vencer), a saber: “o importante é competir”.

É nesse sentido que o que importa (o que deve importar) para os atletas paralímpicos não é a busca por um resultado ou por uma medalha, mas a busca pela participação no evento, pela oportunidade de competir. Nessa direção, o estar presente nos jogos, o competir numa parolimpiada representaria a superação (do corpo? das limitações?) e a ratificação do esporte enquanto um instrumento de superação. Os Jogos Paralímpicos são, assim, determinados pela condição de deficiência física e os desportistas paralímpicos são considerados como “vencedores” (R01), “exemplos ao mundo” (R03), “simplesmente pelo que fazem”, mas o que eles fazem? Primeiro, eles fazem aquilo que deles não se espera. não se espera que eles nadem, corram, joguem, lutem etc., não se espera, principalmente, que eles façam isso melhor que muitas pessoas sem deficiência, não atletas.

Chiaretti e Costa (2016, p.90) afirmam que há, sob a forma de um pré-construído, um modo de significar as pessoas com deficiência enquanto aqueles que “não funciona[m] como o esperado”, ou seja, socialmente ou historicamente funciona uma premissa de que as pessoas com deficiência têm incapacidades físicas (e/ou intelectuais) que as limitam de fazer várias coisas. Sobre esses sujeitos, pontuam as autoras, “espera-se que algo não se realize ali, não se cumpra.” (CHIARETTI E XCOSTA, 2016, p. 96).

Observemos, então, que é justamente por se colocarem num evento esportivo e se exporem, com seus corpos diferentes, realizando atividades que deles não se esperam, que eles seriam “vencedores” (R01) e “exemplos ao mundo” (R03), que causariam “admiração” (R01) e “emoção” (R02) àqueles que lhes assistem.

Acreditamos, outrossim, que é por esta exposição de corpos diferentes realizando atividades imaginariamente inesperadas que uma outra direção de sentidos acerca dos atletas paralímpicos se produz, a saber, a de que eles são um “modelo” de sujeito a ser seguido por aqueles que também têm seus corpos constituídos por uma diferença, mas que não são atletas. Nessa direção de sentidos, as pessoas com deficiência, não atletas, devem, tal qual os atletas paralímpicos, “recusar uma perspectiva caritativa da deficiência [...] controlando seu próprio corpo e, portanto, sendo capaz de exibir suas capacidades e habilidades” (DINIZ, 2012, p. 64).

Sobre isso, Pepper (2016) afirma que os Jogos Paralímpicos impelem um modelo de pessoa com deficiência em que a única pessoa com deficiência aceitável é um paralímpico. Jones (2012) acrescenta que a sociedade não espera (e tampouco cobra) que pessoas sem deficiência, não atletas, corram como o velocista multicampeão olímpico e mundial Usain Bolt ou nade como o nadador, também multicampeão olímpico e mundial, Michael Phelps. No entanto, quando se trata de não atletas com uma diferença no/pelo corpo, há uma expectativa e até mesmo uma cobrança de que eles sejam como os atletas paralímpicos em frases do tipo “se ele pode fazer isso, você também pode”; “se ele conseguiu, você também consegue”, o que, como vimos dizendo, reforça o entendimento dos jogos como um evento voltado à participação de pessoas com deficiência em geral, isto é, sejam elas atletas ou não.

Deste modo, um dos efeitos de sentido produzido pelo discurso jornalístico aqui é o de que os atletas paralímpicos não são vencedores (e nem exemplos ao mundo), porque compõem uma elite paralímpica que participa de um evento esportivo de alto rendimento que reúne, a cada quatro anos, os melhores atletas do mundo de cada uma das 23 modalidades que compõe o evento. Não é isso que se admira. Não é isso que emociona. Não é por isso que eles são exemplos. Não é nesta formação discursiva que estes dizeres se inscrevem.

Considerando que a forma-sujeito histórica de nossa sociedade é a capitalista e compreendendo, consoante Medeiros (2014), que o discurso da/sobre a inclusão se

sustenta em uma formação ideológica neoliberal na qual “não basta ser parte da sociedade, é preciso participar [e] mais do que isso, é preciso querer participar” (MEDEIROS, 2014, p. 69), os recortes supracitados, como dissemos, nos permite compreender que os atletas paralímpicos são vencedores e exemplos ao mundo porque propiciam um modelo de como deve ser (de como deve agir) uma pessoa com deficiência, um modelo de comportamento a ser copiado pelas pessoas com deficiência não atletas.

Estas, tais quais os atletas paralímpicos, precisam “superar” sua deficiência, sua ineficiência e participar de maneira ativa da sociedade. É preciso que, se espelhando nesses atletas, também elas sejam úteis. O discurso da superação funcionaria, assim, pela via da produtividade desse corpo. Este discurso também se materializa na/pela fala de alguns atletas paralímpicos:

**(R04)** – [...] Fui obrigado a pular o muro e ir atrás do que me fazia bem: o esporte. [...] Talvez, se eu não tivesse pulado aquele muro em 1993, hoje eu seria mais um dentro do internato. Alguém que tem muito potencial, mas que não produz nada para a sociedade. Apesar de ainda morar lá, me vejo como uma pessoa que produz muito e que pode mostrar aos jovens que nele residem que nada é impossível quando se vai à luta. (FOLHA, Esporte, B2, 2015).

Como sabemos, todo dizer é afetado pelo simbólico. O sujeito não é livre, centrado, pleno, ou origem do sentido daquilo que enuncia, ao contrário: ele é clivado, assujeitado e sofre determinações de várias ordens. Ele não tem controle sobre o seu dizer nem sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele, uma vez que “a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história (ORLANDI, 2012, p. 100). Além disso, é por ser interpelado em sujeito, pela ideologia, no simbólico, constituindo a forma sujeito-sujeito histórica que ocorre o processo de individuação do sujeito. (ORLANDI, 2011). Sabemos também que é a ideologia que faz com que os sentidos pareçam evidentes quando na realidade, “se constituem em intrincados processos em que entram o sujeito, as condições em que eles se produzem, sua inscrição em diferentes formações discursivas e a interpretação” (ORLANDI, 2010, p. 11).

No caso do recorte (R04) acima, extraído de uma matéria do caderno Esporte da Folha, que conta a história de vida do atleta paralímpico Fernando Aranha Rocha, observamos a eficácia do imaginário no processo de identificação, pois o sujeito é tão

afetado pelo “*discurso sobre*” ele que há uma identificação e uma (re)produção do discurso sobre a necessidade da pessoa com deficiência em ser ativa e contribuir para a sociedade – discurso que circula socio-historicamente e que vemos funcionar no discurso jornalístico produzido na/pela Folha sobre os Jogos Paralímpicos.

No/por esse discurso, produzido a partir da fala do atleta, as pessoas com deficiência, especialmente aquelas que vivem em internatos, são vistas como indivíduos que não contribuem à sociedade (ainda que tenham potencial), enquanto os atletas paralímpicos são vistos como aqueles em que as pessoas com deficiência devem se espelhar. Observemos, por paráfrases<sup>iii</sup>, o modo como estes efeitos de sentido se (re)produzem no recorte acima.

**Trecho do recorte 04** - [...] Apesar de ainda morar lá, me vejo como uma pessoa que produz muito [...].

**Paráfrase 01** – Apesar de ainda morar em um internato para pessoas com deficiência, sou uma pessoa que produz muito à sociedade.

Por esse dizer, pessoas com deficiência que moram em internatos, instituições que, em geral, são mantidas pelo Estado ou por filantropia, são pessoas que não contribuem à sociedade porque não produzem. Como salienta Orlandi (2010, p. 11), há dizeres *já-ditos* e esquecidos que nos habitam, que aparecem fazendo sentidos em/para nós. Pelo que é dito em (R04), remetido à memória discursiva, vemos que o atleta paralímpico se identifica e se inscreve numa rede de sentidos que compreende a diferença em seu corpo (e a pessoa com deficiência) como um fardo social, “que não produz nada para a sociedade”, embora tenha potencial.

Ao dizer de si, o modo como se textualiza esse dizer corrobora a reprodução de um discurso sobre as pessoas com deficiência à medida que reafirma: “Me vejo como uma pessoa que produz muito”, como se se distinguisse do sentido de fardo, pois produz muito. O esporte é significado, neste discurso de si, como instrumento de passagem de “alguém que tem muito potencial, mas que não produz nada para a sociedade” para “uma pessoa que produz muito”, que “vai à luta”. É o que explicita a paráfrase, a seguir:

**Trecho do recorte 04** - [...] fui obrigado a pular o muro e ir atrás do que me fazia bem: o esporte. Talvez, se eu não tivesse pulado aquele muro em 1993, hoje eu seria mais um dentro do internato. Alguém que tem muito potencial, mas que não produz nada para a sociedade [...]

**Paráfrase 02** – Talvez, se não fosse pelo esporte, hoje eu seria mais uma pessoa improdutiva que não contribui à sociedade.

O esporte, à primeira vista, por essa formulação, se configura como um instrumento que permite às pessoas com deficiência serem (re)integradas à sociedade pelo discurso da produtividade. O esporte paralímpico, aqui, não aparece significado na mesma ordem que os esportes olímpicos. Eles não têm o mesmo objetivo, nem a mesma significação, mesmo porque são circunscritos por condições de produção diferentes. Não se trata de premiar o melhor, mas de tornar o sujeito improdutivo um sujeito produtivo.

Nessa direção, ainda seguindo o fio de um discurso, ser um atleta paralímpico é ser um exemplo de sucesso, um modelo bem-sucedido do caráter transformador do esporte. Tal efeito de sentido pode ser observado a partir do funcionamento discursivo do não-dito explicitado pelas seguintes paráfrases:

**(R04)** – [...] Apesar de ainda morar lá, me vejo como uma pessoa que produz muito e que pode mostrar aos jovens que nele residem que nada é impossível quando se vai à luta.

**(P03)** – Sou uma pessoa que produz muito à sociedade e que pode mostrar aos jovens que uma pessoa com deficiência pode ser produtiva.

**(P04)** – Sou um atleta paralímpico e posso mostrar aos jovens com deficiência que uma pessoa com deficiência pode ser produtiva.

Além de reforçar no/pelo imaginário social a ideia do atleta paralímpico como modelo ideal de pessoa com deficiência, essa paráfrase explicita também o modo como o discurso da produtividade se constitui numa prática discursiva que coloca sobre a pessoa com deficiência a responsabilidade por sua inclusão (“nada é impossível quando se vai à luta”).

Como já mencionamos, a forma sujeito histórica de nossa sociedade é a capitalista e na representação de uma sociedade capitalista, segundo Orlandi (2010, p.13), ou o sujeito está dentro, “e tem sua colocação, seu lugar”, ou está fora, segregado. Para a

autora, não se trata mais do paradigma inclusão/exclusão, mas sim de uma segregação. Nessa perspectiva, o que há é uma “luta heroica do sujeito para ter um lugar” (ORLANDI, 2010, p.13), para individualizar-se. Individualizado e identificando-se no/por um modelo econômico capitalista e neoliberal, o atleta paralímpico de (R04) (re)produz em seu “dizer *de*” “dizeres *sobre*” oriundos de uma formação discursiva que significa as pessoas com deficiência como corpos “inúteis” que precisam contribuir para a sociedade.

Numa tentativa de “imprimir a imagem de uma atividade enunciativa que apenas mediatizaria – ou falaria sobre – da forma mais literal possível” (MARIANI, 1998, p. 62) acerca dos jogos paralímpicos, mais especificamente do seu caráter social ou competitivo, a Folha realizou três entrevistas: uma ao presidente do Comitê Paralímpico Internacional (IPC) e duas ao presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Nessas entrevistas, a Folha traz à tona essa questão do objetivo dos jogos. A primeira delas foi realizada em 01 de setembro de 2012, em Londres, durante a cobertura dos Jogos Paralímpicos de Londres-2012, ao então presidente do IPC. Nessa entrevista, a Folha questiona:

**(R05)** – Discutir inclusão é premissa da Paraolimpíada? (FOLHA, Esporte, D7, 2012)

A esse questionamento, o presidente do IPC, o inglês Philip Craven, ex-atleta paralímpico de basquete em cadeira de rodas, respondeu:

**(R06)** – Os jogos são para premiar aqueles que fazem o melhor. Mas as suas implicações vão muito além disso. Eles provocam mudanças de percepção do potencial, das qualidades das pessoas com deficiência. Isso é extremamente positivo (FOLHA, Esporte, D7, 2012).

A segunda entrevista foi realizada em 16 de agosto de 2013, no início do Ciclo Paralímpico dos Jogos do Rio-2016. A entrevista foi realizada com o então presidente do CPB, Andrew Parsons. Nessa entrevista, a Folha faz o seguinte questionamento:

**(R07)** – A exaltação de resultados de alguns para- atletas não se confronta com o caráter social dos Jogos, que propagam que todos podem competir? (FOLHA, Esporte, 2013).

Respondendo a esta indagação o presidente do CPB, afirmou:

**(R08)** – Rivalidade é natural do esporte, e o sucesso incomoda muito aqui no Brasil. Entre os atletas paralímpicos, vejo muito um vibrar com os resultados do outro. As histórias desses competidores de alto desempenho já carregam em si um aspecto social. Eles saíram de famílias muito pobres, enfrentavam situações árduas para sobreviver. Isso incentiva e inspira os outros. (FOLHA, Esporte, D4, 2013).

A terceira entrevista ocorreu em 07 de setembro de 2015, a um ano da abertura das Paralimpíadas Rio-2016. Assim como a entrevista anterior, o entrevistado foi Andrew Parsons, presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro e agora vice-presidente do Comitê Paralímpico Internacional e diretor de integração paralímpica na Rio-2016. Essa entrevista, diferente das anteriores, não se estrutura pelo formato de perguntas e respostas. O jornal apresenta os tópicos (Falta um ano; Equipe Brasileira; Público Recorde; Meta de medalhas; Pós-2016; Forças Armadas; Captação de atletas; Comparação) seguidos das respostas (ou comentários) dadas pelo entrevistado. Embora não haja nessa entrevista uma pergunta direta ao presidente do CPB sobre o caráter social ou competitivo dos jogos, no tópico “captação de atletas” Andrew Parsons afirma:

**(R09)** – Nenhuma aproximação é para atrair atletas, mas para mostrar que o esporte é uma opção para seguir na vida (FOLHA, Esporte, 2015). (Anexo 34)

Na primeira entrevista feita pelo jornal (R05) ao então presidente do IPC, quando da abertura dos Jogos de Londres, a questão do caráter social das Paralimpíadas aparece por uma indagação: Caberia ou não aos jogos paralímpicos discutir acerca das questões sociais que envolvem as pessoas com deficiência? Na entrevista feita em 2013 com o presidente do CPB, por outro lado, não se questiona se os Jogos têm ou não um caráter social (ou se caberia ou não aos jogos discutir sobre essas questões). Essa questão já aparece na pergunta feita ao entrevistado enquanto um pré-construído: os Jogos Paralímpicos têm um caráter social.

Ainda segundo o jornal, os Jogos Paralímpicos “propagam que todos devem competir”, o que contraria a afirmação dada pelo presidente do IPC, em Londres-2012, quando ele afirma que “os jogos são para premiar aqueles que fazem o melhor” (R06). Já há, no modo como o jornal faz o questionamento ao entrevistado, uma direção de sentidos acerca do papel dos jogos. Aqui, como afirma Indursky (2017, p. 74), o discurso da mídia

toma posição e “expõe seu argumento, repetindo-o à exaustão [...] num regime de repetibilidade para que seu posicionamento assuma um efeito de verdade”. Neste discurso, exaltar o resultado “de alguns para-atletas” (uma elite paralímpica) iria de encontro à função social dos jogos. Por quê? Porque os resultados não são o mais importante: o importante é que todos possam competir. O dito no recorte (R01) – “A competição é a celebração da superação. Os resultados em si ficam em segundo plano”, aparece no questionamento da Folha em (R07) enquanto um não dito.

Como se observa, circula enquanto um consenso, por um regime de repetibilidade, no/pelo jornal Folha de S. Paulo, o entendimento de que as Paralimpíadas não se constituem como uma competição de alta performance, mas, ao contrário, como um evento de caráter social e inclusivo que possibilitaria às pessoas com deficiência utilizar o esporte como “uma opção para seguir na vida” (R09) e para provocar “mudanças de percepção do potencial [e] das qualidades das pessoas com deficiência” (R06). Assim, enquanto exemplos de superação, os atletas paralímpicos são brasileiros cuja missão é mostrar/demonstrar, nos/pelos Jogos, que a deficiência pode ser superada. Por essa esteira, o resultado esportivo da competição não é o mais importante, o que importa são as lições de vida.

Ao discorrer sobre o discurso da inclusão, Medeiros (2014, p. 53) afirma que este discurso tem sido um dos mais publicizados em nossa sociedade pela mídia atua e está edificado “em um modo de estruturar o social sustentado em uma formação ideológica neoliberal de ver, de fazer, de significar o mundo e os sujeitos”. Acreditamos que é essa formação ideológica que permite significar as Paralimpíadas, mas, principalmente, os atletas paralímpicos como símbolos de superação das deficiências e de demonstração de potencialidades.

Em um processo discursivo “que está disperso no espaço e no tempo” (INDURSKY, 2017, p. 73), ao longo de diferentes ciclos paralímpicos, a Folha vai produzindo, enquanto um efeito de verdade, por um regime de repetibilidade, o consenso de que o objetivo dos jogos é a superação. A possibilidade de pensar as Paralimpíadas enquanto uma competição esportiva, tais quais as Olimpíadas, irromperia enquanto forma de resistência ao discurso jornalístico, como uma possibilidade de deriva dos sentidos.

Outrossim, é a compreensão destes jogos enquanto um evento de superação da diferença que se produz um efeito de comoção, justamente por significá-lo como um

espetáculo de pessoas lutando contra as limitações de seu corpo, o que comoveria mais que os Jogos Olímpicos. Deste modo, entendemos que é pela presença da diferença – mais precisamente por uma “superação” dela – e pela atração emocional que tal fato proporciona àqueles sem uma deficiência que os espectadores são mobilizados a assistir aos Jogos Paralímpicos, fator que também é (re)produzido em dizeres que circulam no jornal:

**(R10)** – A simples imagem de um atleta superando suas próprias limitações é de emocionar o coração mais duro. (FOLHA, Esporte, B13, 2015)

**(R11)** – É como se as vidas dos atletas, que parecem tão impossíveis de serem vividas, protagonizando tantos movimentos, despertassem um sentimento de renovação nas já amplas possibilidades de seguir adiante em quem é contemplado com a “perfeição”. (FOLHA, Cotidiano, B2 2016)

**(R12)** – Rio-2016 promete um momento de “grande emoção” [...] “preparem os lencinhos”. (FOLHA, Esporte, B11, 2016).

O recorte R10 foi extraído de uma matéria da coluna semanal do caderno Esporte. A referida matéria trata sobre a venda de ingressos para assistir aos Jogos Paralímpicos da Rio-2016. (R11) foi retirado de uma matéria do caderno Cotidiano, matéria esta que foi posta em circulação na data de abertura dos Jogos do Rio, e trata sobre a importância dos Jogos Paralímpicos para aqueles “com deficiência” e para aqueles “sem deficiência”. (R12) pertence a uma matéria do caderno Esporte que discorre sobre a cerimônia de abertura das Paralimpíadas do Rio.

Segundo Hinds (2000), uma tentativa da mídia de relatar o esporte paralímpico de maneira informativa e crítica, de acordo com a cobertura dos esportes convencionais, afastando-se, portanto, de histórias que emocionam, que “partem o coração”, implicaria um risco de censura automática. Para Hughes (1999), esse tipo de cobertura dos Jogos Paralímpicos poderia acarretar algum tipo de constrangimento ou desconforto dos espectadores em assistir atletas com algum tipo de deficiência evidente, sem essas histórias de superação como pano de fundo.

De igual modo, ainda que haja o reconhecimento de suas conquistas esportivas, quando se trata de atletas paralímpicos, os holofotes tendem a se concentrar no motivo de

sua elegibilidade como um atleta paralímpico, ou seja, no acidente, na doença ou em qualquer outro infortúnio que tornaram os atletas paralímpicos aptos para competirem nos jogos, ao ponto da ausência desta informação ser considerada na/pela Folha uma falha jornalística, como observamos no recorte (R13), a seguir:

**(R13)** – “Muitas vezes faltou informar o telespectador que aquele atleta tinha esta ou aquela deficiência” (FOLHA, Esporte, B12, 2016).

A não “evidência” da “deficiência” do atleta paralímpico, isto é, a sua invisibilidade, impossibilitaria a construção desse efeito de comoção, da construção da narrativa de superação da deficiência pelo esporte no/pelo discurso jornalístico. Assim, falar sobre a deficiência dos atletas, mais precisamente, sobre o modo como seus corpos são acometidos por ela, aparece enquanto um imperativo, ou melhor, trata-se de um imperativo do discurso jornalístico, nestas condições de produção. No *corpus*, essa questão é uma regularidade:

**(R14)** – 4ª do ranking **sofreu acidente há 10 anos**: um dos principais nomes na maratona, Aline Rocha **perdeu movimentos das pernas na adolescência**. (FOLHA, Esporte, B2, 2016).

**(R14)** – [Daniel] Dias, que **nasceu com má-formação nos braços e na perna direita**, é ganhador de dezenas de medalhas de ouro em grandes competições internacionais nos últimos anos. (FOLHA, Esporte, D4, 2012).

**(R16)** – Alemã Denise Schindler [...] ganhadora de uma prata nos jogos de Londres-2012, **perdeu a perna direita em um acidente quando tinha dois anos**. (FOLHA, Esporte, B11, 2016).

**(R17)** – O maior judoca paraolímpico brasileiro **perdeu a visão do olho esquerdo aos 13 anos, quando brincava com um estilingue. Seis anos depois, sofreu uma infecção que causou deslocamento de retina do olho direito e ficou cego**. (FOLHA, Esporte, D3, 2004).

**(R18)** – (Evanio da Silva) o atleta baiano se tornou o primeiro brasileiro no levantamento de peso a subir ao pódio nos jogos paraolímpicos. [...] Evanio **teve poliomielite, que lhe causou sequelas nas pernas**. (FOLHA, Rio-2016, p. 2, 2016)

Discursivamente, acreditamos que esse enfoque à diferença do/no corpo e, mais precisamente, àquilo que ocasionou essa diferença no corpo dos atletas paralímpicos, em

contraste às conquistas esportivas por estes alcançadas, permite a produção de um efeito de superação. A produção deste efeito se dá, na materialidade da língua na relação com a história, pela inscrição da locução prepositiva “apesar de”. Para explicitarmos o que estamos dizendo, retomemos os recortes acima, por paráfrases:

**(P05)** – Apesar de ter sofrido um acidente e perdido os movimentos das pernas na adolescência, é um dos principais nomes da maratona, 4ª do ranking.

**(P06)** – Apesar de ter nascido com má-formação nos braços e na perna direita é ganhador de dezenas de medalhas de ouro em grandes competições internacionais.

**(P07)** – Apesar de ter perdido a perna direita em um acidente quando tinha dois anos, é ganhadora de uma prata nos jogos de Londres-2012.

**(P08)** – Apesar de ter perdido a visão do olho esquerdo, ter tido uma infecção que causou um deslocamento de retina do olho direito e ter ficado cego, tornou-se o maior judoca paralímpico brasileiro.

**(P09)** – Apesar de ter tido poliomielite, que lhe causou sequelas nas pernas, se tornou o primeiro brasileiro no levantamento de peso a subir ao pódio nos jogos paraolímpicos.

De maneira geral, não se espera que pessoas “sem o movimento das pernas”, “com má-formação”, “sem uma perna”, participem de eventos esportivos, tampouco que sejam campeões ou medalhistas. Assim, é nessa relação de contraste entre a deficiência explicitada e a conquista esportiva alcançada que esse efeito de superação à deficiência vai se produzindo. Dessa forma, ainda que em seu manual de redação (FOLHA, 2018), a Folha oriente seus jornalistas a mencionarem a deficiência apenas “quando for relevante para o contexto da notícia”, no que concerne àquelas que tratam dos Jogos Paralímpicos ou sobre seus atletas, observamos que não apenas a menção à diferença dos atletas é preconizada como também o modo como seus corpos foram acometidos parecem fazer parte de um enredo da superação.

Sobre isso, Medeiros (2010, p. 47) assevera que “há uma determinação de mercado que orienta e limita a divulgação que se materializa na mídia”. É por essa determinação que se produz, no jornal, um efeito de publicização que o leva a oferecer a seu público aquilo que, pelo mecanismo da antecipação, este entende como sendo desejo do leitor. Como sabemos, um jornal opera a partir de um lugar institucional e institucionalizador

de discursos, de um lugar capitalista, um lugar de poder, de seleção e (re)produção de algumas discursividades em detrimento de outras, especialmente daquelas capazes de atrair a atenção dos leitores (consumidores da notícia).

Todavia, consoante Medeiros (2010, p. 26), “é o social que determina a produção de práticas e ideias mobilizadas nas esferas institucionais (entre as quais temos a mídia dita informativa), e não o contrário”. Em outros termos, os dizeres formulados e postos em circulação na/pela mídia são determinados por uma historicidade, por “aquilo que, da situação, das condições de produção, é relevante para a discursividade” (ORLANDI, 2015, p. 31). O discurso jornalístico produzido pela Folha que estamos analisando se enquadra aí.

## **Considerações finais**

A análise desse *corpus* nos permitiu explicitar a ocorrência de um regime de repetibilidade das Paralimpíadas como um evento de superação (e, portanto, não esportivo) numa (tentativa de) manutenção dos pré-construídos acerca dos jogos, dos atletas e das pessoas com deficiência. As matérias postas em circulação na/pela Folha vão (re)produzindo, pela repetição, o entendimento das Paralimpíadas enquanto um evento cujo objetivo seria demonstrar tanto a superação do atleta sobre sua diferença (numa espécie de triunfo sobre as limitações de seu corpo). Nesse regime de repetibilidade, a informação sobre a “deficiência” dos atletas paralímpicos e sobre o modo como elas foram “adquiridas” aparece, como dissemos, enquanto uma regularidade presente nos recortes analisados, um imperativo, um elemento “relevante para o contexto da notícia” (FOLHA, 2018, p. 58) sobre esses atletas. Quando mais detalhada for a descrição sobre a diferença em seu corpo e/ou sobre o modo como ela foi “adquirida”, melhor.

É por essa descrição, ademais, que se produz um efeito de comoção, de superação, de realização daquilo que não se espera daquele sujeito e/ou daquele corpo. Por essa descrição, o sujeito diferente não é um atleta competindo em um determinado esporte, mas alguém que, “apesar de” ter um corpo diferente, participa de um evento esportivo.

Apaga-se, assim, as horas de treino, o investimento na alta performance, as participações em diferentes campeonatos para a conquista do índice que assegurará a vaga aos Jogos.

Tudo se passa como se o atleta estivesse ali exclusivamente por ser um sujeito com um corpo diferente, e é nesse apagamento do treino e do esforço que o atleta ganha aura de super-herói, daquele que “apesar de” ter uma diferença consegue participar de um evento como as Paralimpíadas cativando e emocionando aqueles que os assistem.

---

## Referências

CHIARETTI, Paula; COSTA, Greciely Cristina da. A produção discursiva do sujeito com síndrome de Down e suas incidências no corpo: o deficiente não funciona como o esperado. *In*: BARROS, Renata C. Bianchi de; CAVALLARI, Juliana S. (Orgs.) **Sociedade e Diversidade: trilogia travessia da Diversidade**, v. 2, Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

CONDE, Antônio João Menescal; SOBRINHO, Pedro Américo de Souza; SENATORE, Vanilton. **Introdução ao movimento paraolímpico**: manual de orientação para professores de educação física, Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

FOLHA DE S.PAULO. **Manual da Redação**. 21. ed. São Paulo: Publifolha, 2018.

HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita**: Língua, sujeito e discurso. Tradução: Maria Fausta P. de Castro. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

HINDS, R. **Sense and sensibilities**: delicate balance of reporting the Paralympics. Sydney Morning Herald, 2000.

HUGHES, Anthony. The Paralympics. *In*: CASHMAN, Richard; HUGHES, Anthony. **Staging the Olympics**: the event and its impact. UNSW Press, 1999.

INDURSKY, Freda. O movimento político brasileiro e sua discursivização em diferentes espaços midiáticos. *In*: FLORES, Giovanna G. Benedetto; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; NECKEL, Nádia Régia Maffi; PFEIFFER, CláudiaCastellanos; ZOPPI-FONTANA, Mônica G. (Orgs.). **Análise de Discurso em Rede**: Cultura e Mídiam, v. 3. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

JONES, Robert. Sorry, the Paralympic spirit insults disabled people like me, **The Guardian**, London, [s.l.], 2012. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2012/aug/30/paralympic-spirit-insults-disabled-like-me>. Acesso em: 15 jul. 2022.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP. UNICAMP, 1998. p. 256.

MEDEIROS, Caciane Souza de. O discurso da inclusão pela diferença na relação mídia e sociedade. *In*: FERREIRA, Eliana Lucia; ORLANDI, Eni. P. **Discursos sobre a inclusão**. Niterói: Intertexto, 2014.

MEDEIROS, Caciane Souza de. **Sociedade da imagem**: a (re)produção de sentidos da mídia do espetáculo. 2010. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria) – Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

ORLANDI, Eni P. (Org.) **Discurso e políticas públicas urbanas**: a fabricação do consenso. Campinas: Editora RG, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Os sentidos de uma estátua: Fernão Dias, individuação e identidade pousoalense. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.) **Discurso, espaço, memória**: caminhos a identidade no Sul de Minas. Campinas: Editora RG, 2011.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PEPPER, Penny. Turning Paralympian into ‘superhumans’ is no help to disabled people, **The Guardian**, London, [s.l.], 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/sep/06/paralympianssuperhumans-disabled-people>. Acesso em: 15 jul. 2022.

VIGARELLO, Georges. Estádio: o espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. *In*: COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: As mutações do olhar: o século XX. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

---

<sup>i</sup> <https://www.paralympic.org/paralympic-games/summer-overview>

<sup>ii</sup> Pêcheux (2014, p. 147) compreende a formação discursiva como “aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, [...] determina *o que pode e deve ser dito*”. Segundo o autor, as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas.

<sup>iii</sup> A paráfrase é um procedimento analítico que consiste em produzir diferentes possibilidades de formulação, buscando indícios, marcas linguístico-discursivas, alusivas ao processo de produção de sentidos. A formulação de paráfrases nos permite empreender uma leitura que desfaz a homogeneidade imaginária produzida pelo efeito de linearidade da sintaxe de um determinado enunciado, de modo a recuperar, naquilo que se está dizendo (o intradiscurso), aquilo que já foi dito e que constitui o dizer (o interdiscurso).